

TESS GERRITSEN

AUTORA DE **O CIRURGIÃO** E **O JARDIM DE OSSOS**

GRAVIDADE

"Tess Gerritsen é leitura
obrigatória em minha casa."

STEPHEN KING



TESS GERRITSEN

GRAVIDADE

Tradução de Alexandre Raposo

EDITOR A R E C O R D
2009

Para os homens e mulheres que tornaram os vãos espaciais uma realidade.

As maiores realizações da humanidade têm início nos sonhos.

AGRADECIMENTOS

Eu não poderia ter escrito este livro sem a generosa ajuda de algumas pessoas da NASA.

Meus mais calorosos agradecimentos para:

Ed Champion, relações-públicas da NASA, por ter me guiado pessoalmente em uma fascinante visita ao Centro Espacial Johnson.

Os diretores de voo Mark Kirasich, da ISS, e Wayne Hale, do ônibus espacial, por terem me revelado detalhes sobre seu exigente trabalho.

Ned Penley, por ter me explicado o processo de seleção da tripulação.

John Hooper, por ter me explicado como funcionava o novo Veículo de Resgate de Tripulação.

Jim Reuter (MSFC), por ter me explicado os sistemas de meio ambiente e da estação espacial.

Os médicos de voo Tom Marshburn e Smith Iohnston, pelos detalhes sobre medicina de emergência em gravidade zero.

Jim Ruhnke, por responder minhas às vezes estranhas perguntas sobre engenharia.

Ted Sasseen (funcionário aposentado da NASA) por compartilhar comigo lembranças de sua longa carreira como engenheiro aero-espacial.

Também sou grata pela ajuda de especialistas de outras áreas:

Bob Truax e Bud Meyer, da Truax Engineering, os meninos fogueteiros de *O céu de outubro* da vida real que me forneceram dados específicos sobre veículos de lançamento reutilizáveis.

Steve Waterman, por seus conhecimentos sobre câmaras de descompressão.

Charles D. Sullivan e Jim Burkhart, por informações sobre vírus anfíbios.

Dr. Ross Davis, pelos detalhes sobre neurocirurgia. Bo Barber, minha fonte de informação sobre naves e pistas de aterrissagem. (Bo, voarei com você um dia desses!)

Por último, devo voltar a agradecer a:

Emily Bestler, que me ajudou a abrir as asas. Don Cleary e Jane Berkey, da agência Jane Rotrosen, por saberem de que é feita uma grande história.

Meg Ruley, que faz sonhos se tornarem realidade.

E...

Meu marido, Jacob. Querido, estamos juntos nisso.

O Mar

1

Fenda de Galápagos

0,30 grau sul, 90,30 graus oeste

Ele pairava à beira do abismo.

Logo abaixo, estendia-se a escuridão aquosa de um mundo gelado onde o sol jamais penetrava, onde a única luz eram as centelhas passageiras de criaturas bioluminescentes. Deitado de barriga para baixo no fundo da apertada cabine do *Deep Flight IV*, cabeça aninhada no cone frontal de acrílico transparente, o Dr. Stephen D. Ahearn tinha a inebriante sensação de flutuar, livre, na vastidão do espaço. Iluminada pelas luzes das asas do submarino, viu a suave e contínua precipitação de partículas de matéria orgânica provenientes das águas repletas de luz bem mais acima. Eram corpos de protozoários, afundados em milhares de metros de água até o seu túmulo final no fundo do mar.

Atravessando a chuva fina de partículas, ele guiou o *Deep Flight* ao longo da borda do desfiladeiro submarino, mantendo o abismo a bombordo, o solo do platô logo abaixo do aparelho. Embora os sedimentos fossem

aparentemente estéreis, havia provas de vida em toda parte. Marcadas no fundo do mar, viu trilhas e sulcos provocados por diferentes criaturas, agora ocultas e em segurança sob um manto de sedimentos. Também viu sinais de humanidade: um pedaço de corrente enrolado ao redor de uma âncora perdida e uma garrafa de refrigerante semissubmersa no lodo. Vestígios fantasmagóricos do mundo alienígena lá em cima.

De súbito, divisou uma imagem surpreendente. Era como atravessar um bosque submarino de troncos de árvores carbonizadas. Os objetos eram chaminés hidrotermais, tubos de 6 metros de altura formados por minerais dissolvidos que saíam de rachaduras na crosta terrestre. Usando os controles, manobrou o *Deep Flight* lentamente para estibordo de modo a evitá-las.

—Cheguei às chaminés hidrotermais — disse ele.

— Estou me movendo a 2 nós, chaminés de águas termais a bombordo.

— Como está o aparelho? — disse a voz de Helen em seu fone de ouvido.

—Muito bem. Quero uma dessas belezinhas para mim.

Ela riu.

—Pois então se prepare. Terá de pagar caro, Steve. Já viu o campo de manganês? Deve estar bem à sua frente.

Ahearn ficou em silêncio um instante enquanto perscrutava as redondezas. Pouco depois, falou:

—Estou vendo agora.

Os nódulos de manganês pareciam pedaços de carvão espalhados pelo fundo do mar. Com sua estranha, quase bizarra lisura, formados por minerais que se solidificaram ao redor de pedras ou grãos de areia, eram uma fonte muito valiosa de titânio e de outros metais preciosos. Mas ele ignorou os nódulos. Estava em busca de algo ainda mais valioso.

—Vou entrar no desfiladeiro — disse ele.

Ele aproximou o *Deep Flight* da borda do platô. Quando sua velocidade aumentou para 2,5 nós, as asas, projetadas para produzir o efeito inverso das de um avião, arrastaram o submarino para baixo, e ele começou sua descida no abismo.

—Mil e cem metros — contou. — Mil cento e cinquenta...

—Cuidado com as paredes. É uma fenda estreita. Está monitorando a temperatura da água?

—Começa a aumentar. Está perto de 13 graus agora.

—Ainda está longe da chaminé. Mais 2 mil metros, e você estará cercado de água quente.

Subitamente, uma sombra passou bem diante de Ahearn. Ele se assustou e sem querer esbarrou nos controles, fazendo o submarino rolar para estibordo. O choque contra a parede do desfiladeiro fez reverberar todo o casco.

—Meu Deus!

—Situação? — perguntou Helen. — Steve, qual é a sua situação?

Ele estava hiperventilando, coração disparado, em pânico. O *casco. Terei danificado o casco?* Junto ao ruído áspero de sua própria respiração,

esperou pelo som do metal cedendo, pela explosão fatal. Ele estava mais de mil metros abaixo da superfície, e mais de cem atmosferas de pressão o comprimiam como um punho fechado. Uma fenda no casco, uma explosão de água, e ele seria esmagado.

—Steve, fale comigo!

Suando frio, ele finalmente conseguiu responder.

—Eu me assustei... colidi com a parede do desfiladeiro...

—Algum dano?

Ele olhou para fora do domo.

—Não dá para ver. Acho que bati com o sonar de proa.

—Ainda consegue manobrar?

Ele experimentou os controles, virando o aparelho para bombordo.

—Sim. Sim. — Ele suspirou aliviado. — Acho que estou bem. Algo passou bem diante do domo. Fiquei assustado.

—Algo?

—Passou com muita rapidez, como uma cobra.

—Um animal com cabeça de peixe e corpo de enguia?

—Sim. Sim, foi isso o que vi.

—Então é um zoarcídeo. *Thermarces cerberus*.

Cérbero, pensou Ahearn. E sentiu um calafrio. O cão de três cabeças que guarda os portões do Inferno.

—Ele é atraído pelo calor e pelo enxofre — disse Helen. — Você vai ver mais deles ao se aproximar da chaminé.

Se você está dizendo. Ahearn não sabia quase nada de biologia marinha. As criaturas que agora passavam diante do domo de acrílico eram meras curiosidades para ele, placas vivas indicando o caminho. Usando ambas as mãos, ele manobrou o *Deep Flight IV* para descer mais profundamente no abismo.

Dois mil metros. Três mil.

E se ele tivesse danificado o casco?

Quatro mil metros. A pressão sufocante da água aumentava linearmente à medida que ele descia. A água tornava-se ainda mais escura, colorida pela fumaça sulfurosa que emanava da chaminé mais abaixo. As luzes das asas mal penetravam aquela densa suspensão de partículas minerais. Cego pelos sedimentos, saiu daquelas águas tintas de enxofre, o que melhorou um pouco a visibilidade. Descia um dos lados da chaminé hidrotermal, afastando-se das águas aquecidas pelo magma, embora a temperatura externa continuasse a subir.

Quarenta e nove graus centígrados.

Outro vulto passou diante de seu campo de visão. Desta vez, conseguiu manter o controle. Viu mais zoarcídeos que pareciam cobras gordas penduradas de cabeça para baixo, como se suspensas no espaço. A água que saía da chaminé lá embaixo era rica em sulfato de hidrogênio aquecido, uma substância tóxica e insalubre. Mas, mesmo naquelas águas escuras e venenosas, a vida conseguia florescer em belas e fantásticas formas. Grudados às paredes do desfiladeiro, estavam vermes cilíndricos gigantes

com quase 2 metros de comprimento, oscilando os seus cocares de plumas escarlate. Viu aglomerados de mexilhões gigantes com cascas brancas e línguas vermelhas e aveludadas esticadas para fora. Também viu caranguejos, assustadoramente pálidos e fantasmagóricos, vagando entre as fendas.

Mesmo com o ar-condicionado funcionando, ele começava a sentir o calor.

Seis mil metros. Temperatura da água a 82 graus. No meio da chaminé, a temperatura devia passar de 260 graus. O fato de haver vida em plena escuridão e em águas venenosas e superaquecidas como aquelas parecia um milagre.

—Estou a 6.060 — disse ele. — Não vejo o que procuramos.

No fone de ouvido, a voz de Helen soava fraca, repleta de interferências.

—Há uma saliência na parede. Você a verá por volta dos 6.080 metros.

—Estou procurando.

—Desça mais devagar. Logo vai aparecer.

—Seis mil e setenta, ainda procurando. Aqui embaixo me sinto numa sopa de ervilha. Talvez eu esteja no lugar errado.

—... leituras de sonar... caindo em cima de você!

— A mensagem desesperada de Helen se perdeu em meio à estática.

—Não ouvi. Repita.

—A parede do desfiladeiro está ruindo! Há destroços caindo em cima de você. *Saia daí!*

O barulho de pedras atingindo o casco o fez empurrar os controles para a frente, em pânico. Uma sombra enorme tombou na escuridão mais adiante e arrancou uma protuberância da parede do desfiladeiro, espalhando uma chuva de destroços no abismo. O ruído de pedras se chocando contra o casco aumentou. Então, ouviu um barulho ensurdecedor, seguido de um poderoso solavanco.

Sua cabeça foi projetada para a frente e ele bateu com o queixo no fundo da cabine. Sentiu-se virar de lado e ouviu um ruído de metal rangendo quando a asa de estibordo arrastou nas pedras protuberantes. O submarino continuou a rolar, os sedimentos rodopiando ao redor do domo em uma nuvem desorientadora.

Ele acionou a alavanca de liberação de lastro e mexeu nos controles para fazer o submarino emergir. O *Deep Flight IV* projetou-se para a frente, metal rangendo contra as pedras, e parou de súbito, inclinado para estibordo. Desesperado, ele mexeu nos controles, motores na máxima potência.

Sem resposta.

Fez uma pausa, coração disparado, enquanto tentava controlar o pânico crescente. Por que não se movia? Por que o submarino não respondia? Verificou os dois painéis digitais. A energia das baterias estava intacta. Unidade de ar-condicionado ainda operacional. Leitura de profundidade: 6.082 metros.

Os sedimentos lentamente se acomodaram, e ele pôde ver formas iluminadas pela luz da asa de

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

